



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS
PROJETO SEGUNDO TEMPO**

**JÚLIO MÁRCIO SANDIM DA SILVA
(depoimento)**

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias – Segundo Tempo

Número da entrevista: E-169

Entrevistado: Júlio Márcio Sandim da Silva

Nascimento: 13/05/1978

Local da entrevista: FUNESP – Fundação Municipal de Esporte – Campo Grande/MS

Entrevistadora: Márcia Luiza Machado Figueira

Data da entrevista: 23/07/2010

Transcrição: Tuany Defaveri Begossi

Conferência Fidelidade: Tuany Defaveri Begossi

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Fitas: (01 fita) 169/01-A

Total de gravação: 20 minutos

Páginas Digitadas: 11

Catálogo: Luciane Silveira Soares

Registro: Vera Maria Sperandio Rangel

Número de registro: 02160/2010/01

Nº da fita: 02160/2010/01

Observações: A entrevista está gravada junto com a E-170, de Adriana Teles de Andrade.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

SILVA, Júlio Márcio Sandim da. *Júlio da Silva (depoimento, 2010)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Início do envolvimento com o Programa Segundo Tempo (coordenador geral junto a FUNESP); extensão da atuação no Programa: atendimento as crianças; opinião sobre a nova configuração do PST; processos de capacitação: participação, funcionamento, avaliação desses processos; pontos positivos e limites do Programa; qualificação de professores; problemas com material; contribuição do PST para a inclusão social; problemas na renovação do Programa; Projeto Recreio nas Férias: importância; características, atividades; importância da preservação da memória dos projetos.

M.F. – Júlio, eu queria que você falasse para nós, como é que você conheceu o Programa Segundo Tempo?

J.S. – Quando eu vim trabalhar na Fundação¹ aqui, nós já tínhamos um convênio e ele terminou em 2007. Quando eu vim para cá, peguei o final desse Projeto. Foi nesse momento que eu tive o contato com o Segundo Tempo e após, quando a Fundação renovou o convênio com o Ministério², eu fui escolhido, porque eu era funcionário da casa, concursado aqui. Eu fui escolhido para ficar com a gestão do projeto aqui na Fundação.

M.F. – Quando que você iniciou o trabalho aqui? Foi convidado para começar a fazer esse trabalho? Como e quando você iniciou?

J.S. – Nós começamos com a capacitação que teve em Brasília, que foi em fevereiro ou março de 2009. Foi o primeiro contato que tivemos com essa nova formulação do Segundo Tempo, que veio bem diferente do convênio que nós tínhamos anteriormente. Nós fomos à capacitação, eu e o professor Luciano Bittencourt³, que acabou não ficando no Projeto. Veio o professor Bruno Elias Ferreira⁴ trabalhar com o pedagógico e, a partir daquele momento, começamos a dar início aos trabalhos para que conseguíssemos, em outubro de 2009, iniciar o atendimento às crianças.

M.F. - Há quanto tempo você está no Programa? Há quantos anos?

J.S. – Um ano e meio, praticamente.

M.F. – Um ano e meio. E assim, qual é a extensão hoje do seu trabalho no Projeto? Ele é regional ou estadual, enfim, ou mais assim, local?

J.S. – O nosso é local, mas é um “local” extenso. Só em Campo Grande⁵, o nosso convênio atende cinquenta núcleos, cinco mil crianças. Dá mais do que muitos municípios aqui do

¹ Fundação Municipal de Esporte – FUNESP.

² Ministério do Esporte.

³ Luciano Carvalho Bittencourt. Prefeitura Municipal de Campo Grande.

⁴ Fundação Municipal de Esporte (FUNESP) – Campo Grande/MS.

⁵ Capital do Estado do Mato Grosso do Sul.

interior. Tem alguns municípios do interior que não tem toda essa população e nós atendemos cinco mil crianças aqui, no total de cinquenta núcleos. Cada núcleo são cem crianças.

M.F. – E as faixas etárias?

J.S. – Nosso público aqui é de sete a dezessete anos. E esses cinquenta núcleos estão espalhados... Campo Grande tem um plano gestor... Ela é separada em sete regiões urbanas. Nós atendemos seis regiões urbanas na cidade, principalmente, nas suas extremidades. Nós só não atendemos o centro.

M.F. – Isso por quê?

J.S. – Primeiro, por questão de espaço físico e também pelo público, porque no centro, como é mais área comercial, e um poder aquisitivo maior também, essas crianças, geralmente, no contra turno escolar, fazem outras atividades extras. E, talvez, correríamos o risco de não ter as cem crianças que é o nosso público alvo. Por isso que nós levamos para... E optamos por regiões mais carentes da cidade.

M.F. – Claro. Dá um pouco o tom da política pública do Projeto também.

J.S. – Sim. Nós temos locais em que a nossa infraestrutura é mínima e, talvez, até menos do que mínima. Só que [palavra inaudível] nós optamos em levar para esses locais, pela carência que esses locais apresentam de lazer, de atividades esportivas, para essas crianças, para elas não acabarem ficando ociosas no contra turno escolar. Achamos melhor, mesmo não tendo toda uma estrutura adequada, levar essas crianças para lá, para atender, oferecer, algo a mais para as comunidades.

M.F. – Certo. O que você conhece sobre o início do Programa Segundo Tempo? Você conhece alguma coisa do início, [palavra inaudível] você pegou desse segundo momento, nesse novo formato do Programa. Que visão você tem assim, sobre esse novo formato do Segundo Tempo? Você participou de algum projeto de capacitação, o que você achou [palavra inaudível]?

J.S. – Comparando com o primeiro, eu peguei só os últimos três meses, praticamente, do convênio anterior que tínhamos aqui. Mas o que eu percebi, principalmente, de diferença que teve, foi o controle pedagógico e funcional do Segundo Tempo que temos agora. Antes, dava impressão que o projeto era um pouco mais solto. Agora ele é bem amarrado, tem todos os objetivos que nós temos que estar cumprindo para a execução do projeto. Antes, parecia que ele ficava um pouco mais solto e agora eu acho que ficou bem melhor. Acho que conseguimos caracterizar bem mais o Projeto e que ele, realmente, atenda aquilo que lhe é proposto a atender. Acho que esta foi a principal mudança que tivemos aqui.

M.F. – Você participou de algum projeto de avaliação, de capacitação? Como é que foi, quando, você se lembra?

J.S. – Projeto de capacitação que eu participei no Segundo Tempo foi esse de coordenadores gerais e coordenadores pedagógicos, que foi em Brasília, no início de 2009. Agora, no final de maio de 2010, teve em Campo Grande, a capacitação para os coordenadores de núcleo [palavra inaudível], que, mesmo sendo geral, eu participei, para acompanhar, ver quais eram os assuntos que eles estariam trabalhando. Até depois para conseguimos ter um controle maior dos nossos professores e acadêmicos com as atividades que eles estariam e estão desenvolvendo nos núcleos.

M.F. – Certo. Você poderia fazer uma pequena avaliação desse processo de capacitação? Qual que seria a sua avaliação desse processo?

J.S. – A capacitação aqui para nós foi fundamental. Quando nós fizemos a seleção dos professores, fizemos por meio de edital de concurso, como se fosse um concurso. Saiu no diário oficial, se inscreveu quem queria participar e fez a avaliação dos títulos. Aqueles que pontuaram mais foram os selecionados. Só que havia umas pessoas que não eram da área da educação. Por exemplo, eram da área de “fitness”, mas que tinham a pontuação e acabaram entrando e, quando foram trabalhar com a educação e ainda mais a educação social, ficaram um pouco perdido naquilo que tinha que fazer e [palavra inaudível] não conheciam muito bem o projeto. Já em cima disso aí, em janeiro, a Fundação mesmo conseguiu oferecer um curso para os nossos professores para tentar diferenciar para eles

esporte de rendimento e esporte educacional. E aí aconteceu a capacitação agora do Ministério em maio, conseguimos fechar esse ciclo. Eu creio que nós vamos ter uma gestão extremamente orientada com relação do que é o PST, a maneira que eles devem trabalhar, o que eles devem depositar na mente dessas crianças. Se havia alguma dúvida ainda, acredito que foi sanada. E a capacitação, além de tudo isso, é fundamental porque, quando os professores saem da faculdade... A faculdade acaba sendo muito genérica. Ela não aprofunda em uma área e o PST é bastante diferenciado [palavra inaudível] na educação física escolar. Tem esse olhar social e educativo. E, com essa capacitação, acaba melhorando o desenvolvimento das aulas e dos professores lá com as crianças no núcleo.

M.F. – E quais são os pontos positivos, se você pudesse afirmar, do PST?

J.S. – O contra turno escolar eu acho que é um ponto positivo, porque hoje as famílias estão tendo um grande problema no qual o pai e a mãe trabalham e, muitas vezes, essas crianças elas acabam... Um filho cuidando do irmão, irmão cuidando de irmão e, quando eles vão para o PST, duas, três ou quatro horas que elas ficam no projeto, ela tem uma orientação, recebe uma atividade. Além disso, oferece a prática esportiva, porque já está conhecendo a importância de estar praticando o esporte, está envolvendo o lado social da criança, a interação dela com outras crianças. Para muitas crianças, nossas aqui, muitas delas vão porque ganham lanche, infelizmente. Alguns professores relataram que aumentou a procura pelo projeto quando distribuimos o uniforme. Aumentou a procura de crianças no núcleo, porque tinha o uniforme. Então, esses são fatores positivos que o PST está levando para aquela comunidade, para aquela determinada região da cidade.

M.F. – E, tu consegues ver se tem algum limite? Quais são os limites no programa? Você consegue identificar se tem?

J.S. – Limite do projeto que eu acho é que, em alguns locais, a procura é maior pelas questões de lanche, de material. Não conseguimos atender esse número maior. Há núcleos nossos que tem mais de cem alunos. Alguns núcleos chegam a ter cento e vinte, cento trinta. Conseguimos atender mesmo assim por quê? Porque temos uma parceria com a Secretaria de Ação Social e temos nesses locais. Então, alguma coisa que não temos acaba tendo. E, talvez, se tivesse mais alguns dias poderia ser melhor também e aqui, para a

nossa região, a questão do salário que os professores recebem. O nosso convênio é novecentos reais e, para a maioria dos professores que faz vinte horas, é mil e trezentos, mil e quatrocentos reais o piso. Então, eles ficam no Segundo Tempo. Mas, quando surge alguma vaga nas escolas, tanto na rede municipal quanto na rede estadual, acabamos perdendo esse profissional.

M.F. – Por quê? Ele é o que? Ele é monitor? Chamamos de monitor o professor do PST...

J.S. – Não. Aqui chamamos de coordenador, mas os nossos coordenadores são professores. Os nossos monitores são acadêmicos. Cada núcleo nosso tem um professor de Educação Física e um ou dois acadêmicos.

M.F. – Então, o professor de Educação Física é o coordenador e os acadêmicos são os monitores.

J.S. – Mas o coordenador desenvolve as atividades no núcleo junto aos monitores.

M.F. – Coordenador do processo.

J.S. – Se tivesse um salário melhor, conseguiríamos ter uma mão de obra melhor avaliada no projeto...

M.F. – Se fosse o salário maior, você acha?

J.S. – Acredito que sim. Pela característica da nossa região, como é a nível nacional, talvez em outros locais o salário seja compatível, seja próximo do que eles recebem na rede estadual e na rede municipal. Mas aqui na nossa fica defasado comparando.

M.F. – O que você acha que seria possível fazer para o programa se qualificar mais, ter uma qualidade ou você se acha que está ok?

J.S. – Eu acho que precisamos ter os professores qualificados naquela visão que é o Segundo Tempo, porque a Educação Física tem várias linhas. A do Segundo Tempo segue

uma linha. Se conseguirmos professores voltados para essa linha do Segundo Tempo, eu acho que já seria melhor. Se tivéssemos o material esportivo mais adequado. Porque a maior reclamação que nós temos é em relação à qualidade que vem do material...

M.F. – Como é? Que material que vem?

J.S. – O material que vem é daquele do Pintando a Liberdade⁶, mas, por exemplo, bola de vôlei é horrível para uma criança de sete ou oito anos dar uma manchete, fazer um toque naquela bola, porque, pelo material não ser de uma qualidade excelente ou boa, algumas vezes até machuca o braço da criança ou a criança rebate três ou quatro vezes e o braço fica todo vermelho e é uma reclamação que nós sempre temos.

M.F. – Que é um material produzido nos presídios, é isso?

J.S. – Isso. É esse material. Essa sim é uma das maiores reclamações que nós temos.

M.F. – E [palavra inaudível] qualificar melhor os materiais.

J.S. – O material também. Apesar de que, nós sabemos que o material também não seja o principal, mas ele é mais uma ferramenta que o professor está trabalhando.

M.F. – Na tua avaliação, qual é a contribuição do PST para a inclusão social?

J.S. – Total. Porque ali é aonde nós temos essas questões de violência. Como o tema do Segundo Tempo é Esporte Educacional, dentro das aulas, o professor vai estar trabalhando esses valores. E, trabalhando esses valores, vai melhorar o convívio social que essa criança tem com o seu colega, com o seu vizinho, com aquela criança que está frequentando o Segundo Tempo. E, como Esporte Educacional, como o próprio nome já está dizendo, a questão da educação, trabalha esses valores educacionais dentro do esporte. Ela pode estar aprendendo esses valores no Segundo Tempo e estar utilizando no seu convívio social. Não aprendendo o esporte somente pelo esporte ou somente a técnica ou somente a tática

⁶ Programa vinculado ao Ministério do Esporte, o qual promove a ressocialização de internos do Sistema Penitenciário por meio da fabricação de materiais esportivos.

daquela modalidade esportiva que ela tem no núcleo. Ela aprende valores que pode estar levando para o seu convívio social. E isso eu acho que é o principal aspecto que nós temos em relação ao Segundo Tempo.

M.F. – E você acha que o Projeto, na prática, atende aos objetivos que ele se propõe, como Projeto de governo?

J.S. – Sim. Eu acredito que sim. O problema que talvez pudesse ser um empecilho é que, muitas vezes, não tem a continuidade. Você encerra um Projeto, um convênio, aí demora três, quatro, cinco, seis meses até nova ordem de início, é um ano mais para retornar. Se ele, por exemplo, terminasse em dezembro, e, lá em fevereiro, nós já conseguíssemos dar sequência no projeto, acho que seria bem melhor.

M.F. – Isso é um aspecto burocrático mesmo?

J.S. – É burocrático. O que demora na renovação dos convênios?

M.F. – Prestação de contas...

J.S. – Que são três meses para eles analisarem. Se tivesse como, antes de você encerrar aquele, já começasse a dar uma renovação para o próximo, para não interromper os ciclos. O nosso começou a atender em outubro de 2009. Terminamos em dezembro de 2010. Se, em fevereiro de 2011 conseguíssemos renovar o convênio e atender novamente as crianças, praticamente, não teria interrupção. [palavra inaudível] elas já teriam participado, continuariam participando.

M.F. – E como é o Recreio nas Férias⁷? Como é que você vê a importância do Recreio nas Férias?

J.S. – O Recreio nas Férias é um Projeto em que nesse período a criança não está na escola e ela não tem, muitas vezes, com quem ficar. Acaba ficando quinze dias, praticamente,

ociosas e o Segundo Tempo veio para preencher esse espaço de férias escolares. A senhora até foi lá e visitou o local conosco, viu a felicidade daquelas crianças em estarem lá. Na segunda-feira, que foi o primeiro dia, frio, temperatura lá embaixo e tinha crianças pedindo até para ter piscina. Ninguém conseguia segurar a criança parada na quadra de tamanha felicidade que elas tinham de estar lá, reunidas para aquele momento. Então, ele está sendo... Tínhamos até medo no início do Recreio nas Férias, pelo montão de crianças que tínhamos para trabalhar e hoje nós já estamos no penúltimo dia...

M.F. – São quinze dias de trabalho?

J.S. – Cinco dias. É uma semana, das nove às dezesseis horas e elas estão maravilhadas com o evento. E, só de nós vermos a felicidade dessas crianças, já vale a pena o esforço que nós tivemos antes e agora, durante a semana.

M.F. – Em relação ao Recreio, ao formato dele, com essas ações, passeios, ação cultural, você gosta desse formato? Como é que é isso? Você tem alguma sugestão, crítica? Como é que você avalia esse formato do recreio?

J.S. – Não, ele é bom. Mas o problema que eu acho, não só a respeito do recreio, é que o Brasil tem uma diversidade muito grande e você acaba ficando engessado, porque, o mesmo, segue uma linha para todos os locais do Brasil. Por exemplo, aqui, para nós conseguirmos fazer um passeio cultural com cinco mil crianças, Campo Grande não tem... [palavra inaudível] vou visitar um teatro, vou visitar um museu, por exemplo, no museu... Nós tínhamos a ideia de visitar um museu, cinquenta crianças por período. Então, essa semana fica inviável. Como nós estávamos trabalhando em cima do tema “Meio Ambiente”, visitar o CRAS - Centro de Reabilitação de Animais Silvestres - e uma trilha ecológica que tem dentro do parque, quarenta crianças, acho que por dia, acaba ficando inviável. Se nós tivéssemos menos crianças para atender, isso facilitaria, mas, pelo grande montante que nós temos, isso nós acabamos... Nós atendemos, fizemos os passeios aqui no Parque das Nações Indígenas, eles conheceram animais da fauna do cerrado, animais empalhados, nós conseguimos atender. Mas, acho que o único problema que teria seria

⁷ Projeto integrante do Programa Segundo Tempo que tem como finalidade oferecer às crianças e adolescentes do programa, no período de férias escolares, opções de lazer por meio do

essa questão de alguns locais serem um pouco mais maleáveis, conseguir fazer mais, adequar mais... Uma maior possibilidade de adequação às características locais.

M.F. – Locais. Que seria uma flexibilidade. Mas esse tom da flexibilidade talvez seja dado por vocês coordenadores.

J.S. – Sim. Aqui, conseguimos flexibilizar no quê? Para cada local, para cada núcleo, as atividades envolvidas lá no núcleo, pelo espaço físico, os professores desenvolveram as atividades, digo assim, na questão da apresentação cultural, por exemplo, e do passeio, talvez se a quantidade de crianças atendidas fosse menor, nós conseguiríamos levar a um lugar mais atraente para as crianças, que talvez elas não conheçam. Apesar de que, para nós, talvez, vir aqui no Parque das Nações Indígenas, [palavra inaudível] ali o parque é aberto, qualquer pessoa pode visitar, mas, a maioria das nossas crianças, infelizmente, não conhece o parque e estão tendo essa oportunidade de conhecer.

M.F. – E é um passeio.

J.S. – Para elas, acaba sendo uma grande experiência.

M.F. – Então, a avaliação dos coordenadores também é nesse sentido? Eles acham isso também? Essa vivência para os alunos foi legal? Depois que fizeram o passeio, eles sentiram isso?

J.S. – Sim. A troca de experiência que nós temos entre os núcleos, entre os profissionais, a diversificação que você tem de oficinas acontecendo, tanto para as crianças quanto para os professores, é muito rico, porque, na maioria dos nossos locais, nós temos duas atividades esportivas coletivas e uma individual e, no Recreio nas Férias, tem uma grande variedade, tem quinze oficinas em um dia.

M.F. – Coisa boa...

desenvolvimento de atividades lúdicas, esportivas, culturais, sociais e turísticas.

J.S. – Entendeu? E vivenciar essas oficinas é uma aprendizagem muito rica para ela, tanto motora quanto social, toda essa convivência.

M.F. – Claro. E conhecimento...

J.S. – E conhecimento também.

M.F. – Isso delas verem as possibilidades de fazer, de se poder praticar.

J.S. – É. Porque talvez ela fique em casa, fica o que? Só vendo televisão e ela, vivenciando essas oficinas diversificadas que nós temos, para ela é muito...

M.F. – Aquele dia eu vi, presenciei um grupo pulando corda, outro elástico, outro jogando bambolê, outro lutando, outro jogando. Estava acontecendo quantas coisas aquele dia?

J.S. – Lá, naquele local, que a senhora foi tinha uma sessão de cinema, futebol de sabão, futebol de areia, rugby, tirolesa, escalada de corda, colocaram carrinho de rolimã, pintura facial, eles confeccionaram os Barangandan⁸, tinha estação com bambolê, tinha basquete, vôlei adaptado, tinha uma seção de dança, jogos de mesa, tênis de mesa, jogo de [nome inaudível], pinturas com tinta guache, [palavra inaudível] com giz de cera, confecção utilizando massas. Também assistiram uma apresentação com os cães adestrados da polícia do exército. Então, a vivência que eles tiveram lá foi riquíssima nessa uma semana. Há locais, pelo o que conhecemos das comunidades, que é só com o Recreio nas Férias mesmo que eles estão tendo essas vivências. Isso, com certeza.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

M.F. – Você acha importante preservar a memória dos Projetos?

J.S. – Com certeza. Já pensou? Você faz todas essas atividades e chega daqui dois ou três anos você fica como se não tivesse acontecido nada? Isso é importante e importante também para você saber aquilo que você já fez, o que aconteceu, [palavra inaudível] você

consegue ter os pontos positivos, também ter os pontos negativos e você mantém aqueles pontos positivos que você teve e melhorar os pontos negativos. E, se você não conseguir manter a história do Projeto, acaba ficando aquela coisa, como se fosse: “Fez só por fazer”. Por isso que eu acho que é importante manter a história do Segundo Tempo. Não sei qual é a ideia de vocês, se é fazer um livro, se é fazer um filme. Eu acho que é imprescindível vocês manterem essa história. Imagina depois, daqui dez anos ou vinte anos, você pegar e comparar lá os primeiros anos com a sequência, o quanto que nós, provavelmente, vamos ter conseguido evoluir.

M.F. – Ok, Júlio. Muito obrigada então.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

⁸ Fitas coloridas utilizadas para a realização dos movimentos de Ginástica Rítmica Desportiva.